

O SÉCULO XIX

MAGIA E ROMANTISMO

Nos primeiros anos do século XIX morreu um homem cujo nome merece ser mais conhecido dos estudiosos do misticismo e do ocultismo: Louis Claude de Saint-Martin, o "filósofo desconhecido". Sua enorme relevância deve-se ao fato de situar-se a meio caminho entre a mística tradicional do Oriente ou do Ocidente e um novo evolucionismo. Sua filosofia está imbuída de extraordinário otimismo. Para Saint-Martin, o homem é fundamentalmente um deus, não um verme. Nessa atmosfera de luz e saúde, sua obra lembra a de Swedenborg. Como epígrafe de meu livro *The Stature of Man*,* faço uma citação que capta a essência do Martinismo; tratando da idéia de que a Terra é um simples ponto no universo, afirma:

Talvez seja essa incorreta associação de idéias que conduziu os homens à noção ainda mais falsa de que não são dignos da estima de seu criador. Acreditaram-se obedientes aos ditames da humildade quando negaram que a Terra e tudo o que o universo contém só existe por causa do homem, com base na aceitação de que tal idéia representaria apenas presunção. Mas não temeram a preguiça e a pusilanimidade, frutos inevitáveis dessa falsa modéstia. A atual fuga à idéia de que somos os seres superiores do universo explica o não termos a coragem de atuar para justificar esse título; é o motivo pelo qual os deveres inerentes a ele parecem tão penosos; é a razão por que preferimos abdicar de nossa posição a realizá-los cabalmente. Onde está o timoneiro que nos guie por entre esses recifes ocultos de presunção e falsa humildade?

Depois de estudar as vidas incrivelmente agitadas de Casanova, Cagliostro, Saint-Germain, John Dee e outros, é com alívio que se depara com um homem a quem quase nada aconteceu. Nascido em Amboise, Touraine, no mesmo ano que Cagliostro — 1743 —, Saint-Martin era de família aristocrata razoavelmente rica e, embora a mãe morresse logo após seu nascimento, a madrasta foi excelente substituta e ele a adorava. Era uma família de católicos fervorosos, e bem jovem mandaram-no para a escola de Pontlevoy. Foi lá que descobriu um livro sobre autoconhecimento, de Abadie, que aparentemente exerceu enorme influência sobre suas idéias. Estudou direito e, com o tempo, passou a dedicar-se à carreira jurídica como advogado. Mas nada sentia além de aversão pelos afazeres do cotidiano, e acabou convencendo o pai a permitir que trocasse a advocacia pelo exército. Parece uma escolha estranha, mas sem

* Idade da derrota (1959).

dúvida ele raciocinou que uma patente em tempos de paz é algo como uma sinecura — e depois da guerra de sete anos e do tratado de Paris, a Europa encontrava-se relativamente pacificada em 1766, ano em que Saint-Martin se engajou. Quanto a esse aspecto ele tinha razão: enquanto os outros oficiais saíam para beber, ele podia dedicar-se prolongadamente aos estudos.

Aos 24 anos, quando acompanhava seu regimento em Bordeaux, Saint-Martin conheceu aquele que viria a desempenhar o papel de influenciador máximo de sua vida — Don Martines de Pasqualles de la Tour. Martines era um rosacruz de tipo especial. Os rosacruzes formavam uma sociedade secreta que em muito se assemelha à Maçonaria, embora o maior enfoque fosse o ocultismo e se dissessem seguidores de Paracelso. A maioria das histórias de suas origens parecem fantasiosas (encontram-se todas em *Brotherhood of the Rosy Cross*, de A. E. Waite). Mas a idéia dessa fraternidade mística, de uma sociedade mundial de iniciados em magia, podia satisfazer as necessidades da imaginação dos séculos XVII e XVIII. Muitas eram as pequenas sociedades de rosacruzes por todo o continente europeu, grande parte delas agregada à Maçonaria. Don Martines era membro, talvez mesmo o fundador, de um curioso grupo de rosacruzes maçônicos que se chamavam Cohens Eleitos. Martines já havia estabelecido uma ordem de (assim chamados) *Illuminés*, em Paris; o Iluminismo era outra forma assumida por sociedades rosacruzes, neste caso comprometidas com fins políticos. (Não seria totalmente falso afirmar que os iluministas estavam para os maçons e os rosacruzes, assim como os jesuítas para a Igreja Católica.)

Martines era assim uma espécie de Cagliostro. Dizia-se iniciado na magia e, como tal, afirmava ter atingido um grau extraordinariamente elevado. O cerimonial de seu grupo incluía palavras mágicas à maneira da Chave de Salomão e um complexo misticismo relativo a números, que diferia em muitos aspectos básicos do mencionado no capítulo anterior. Mas toda essa magia era tida como o único meio de se alcançar a revelação mística definitiva — o que, sem dúvida, explica por que Don Martines gostava de chamar seu grupo de *Illuminés*, embora fossem apolíticos.

Saint-Martin teve sua iniciação junto aos Cohens Eleitos na segunda metade de 1768. O efeito se fez sentir de modo tão profundo quanto no caso da admissão de Cagliostro na Maçonaria. Saint-Martin tornou-se um dos membros mais dedicados. Decorridos três anos, em 1771, deu baixa no exército e dedicou o resto de sua vida ao misticismo. E, embora o mestre se retirasse para Santo Domingo, nas Índias Ocidentais, onde faleceu em 1774, e apesar da miséria em que se viu Saint-Martin em consequência da Revolução Francesa, ele não sofreu qualquer desvio naquilo em que empenhara a vida toda: perseverou na tentativa de trazer ao mundo essa idéia vital de que o homem é, de alguma forma, um deus que se esqueceu de sua herança e veio a aceitar que é um mendigo.

No caso de Saint-Martin, essa posição não abrange a crença de que não existe Deus; pelo contrário, sua filosofia é completamente orientada pela idéia